

## **RESISTÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS CULTURAIS**

Lilian Fessler Vaz – PROURB/FAU/UFRJ

Claudia Seldin – PROURB/FAU/UFRJ

### **TIPO DE PROPOSTA: Comunicação oral**

#### **Resumo**

Este trabalho apresenta o recente fenômeno da ocupação de vazios industriais com a criação de núcleos culturais alternativos em favelas cariocas. Trata-se de iniciativas de grupos que agem através de ações culturais, adotando um forte caráter de resistência em busca da afirmação de seus sujeitos, práticas e espaços. O estudo refere-se aos casos do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré e do Grupo de Capoeira Angola Ypiranga de Pastinha, que criaram seus próprios espaços, compreendidos como resistências a processos contemporâneos de exclusão social, espacial e cultural. Estas ações situam-se na contramão das forças que promovem o individualismo, a alienação e a espetacularização, possibilitando, ao contrário, a participação, a vivência e o enriquecimento da experiência urbana.

#### **SESSÃO TEMÁTICA: 1 - Cidade Imaterial**

## Ações Culturais

O final dos anos 70 foi marcado pela presença crescente da cultura em diversas esferas da vida em sociedade, algo evidenciado através da expansão da indústria cultural, do destaque de temas consagrados como a história, a memória e o patrimônio, e da culturalização da cidade e do planejamento. Concomitantemente, esta foi uma época marcada pelo colapso das estratégias e modelos de desenvolvimento centradas no progresso material e no crescimento econômico, tendo em vista suas desastrosas conseqüências em termos de polarização social e aumento da pobreza; e pela restrição da atuação do Estado, especialmente à redução das políticas sociais em geral.

A partir dos anos 80, em resposta a este quadro de crise, projetos culturais diferenciados começaram a surgir, aliando a produção cultural a um caráter pró-ativo no intuito de superar as desigualdades sociais. Estes projetos, muitas vezes oriundos de movimentos associativos organizados em áreas periféricas, tiveram o seu boom na década de 1990.

As ações culturais podem ser compreendidas como iniciativas de grupos comunitários, em geral jovens, que mantêm forte relação com o espaço urbano onde se inserem, e que procuram atuar em direção à transformação social, através de uma grande diversidade de práticas e linguagens culturais<sup>1</sup>. Para Coelho (2001), a concepção de ação cultural é sempre fundamentalmente social, pois carrega em si um espírito utópico, buscando uma democratização cultural em que as pessoas se tornem sujeitos da cultura, criando as próprias condições, meios e fins de sua realização. As ações culturais não se restringem à conquista de um desenvolvimento individual, valorizando o desenvolvimento coletivo de um grupo ou comunidade, bem como a sua produção simbólica.

É importante assinalar que estas ações emergem dos espaços marginalizados da cidade, dando visibilidade a novos atores sociais que carregam a bandeira do exercício da participação cidadã. Munidos de novas metas e formas próprias de organização e criação, estes atores se mostram capazes de subverter “os objetivos ‘contemplativos’ da arte”, fortalecendo a “cultura da periferia” (Hollanda, 2005).

Estes grupos, em geral, não têm acesso aos modos culturais tradicionais, praticando culturas que só recentemente começam a ganhar reconhecimento da mídia e das parcelas dominantes da sociedade (como as expressões ligadas à cultura hip hop), ou mesmo de culturas tradicionais (como capoeira e jongo). Acostumados com a indiferença e com a carência de espaços para a realização de suas atividades, estes grupos enxergam nas ações a oportunidade de sair de um estado de invisibilidade, afirmando seu lugar e seus direitos na cidade. Esta afirmação alia-se a um forte caráter de resistência, que se manifesta através de diversas esferas: espacial, social, étnica e cultural.

---

<sup>1</sup> Ver: Vaz e Seldin (2007), Vaz (2007) e Seldin (2008).

## **Cultura Como Forma de Resistência**

A resistência das ações culturais em termos espaciais transparece através do próprio “morar na favela”, já que este é um espaço convencionalmente marcado pela informalidade, pela pobreza, pelas carências e pela violência. Historicamente, morar na favela significa estar à margem da cidade e vivenciar as consequências de mecanismos perversos que insistem em apontá-la como caótica e condenada à degradação social e urbana, evidenciando uma exclusão ideológica e simbólica.

As ações culturais, ao invés de tentar mascarar suas origens desprivilegiadas revelam, que existe uma tendência de afirmá-las através da adoção de nomes que ressaltam sua localização espacial (Olhares do Morro, Cine Favela, TV Morrinho...). Trata-se de uma maneira de fortalecer o sentimento de pertencimento a partes da cidade desprezadas e estigmatizadas, buscando a legitimação de uma identidade social e cultural que passa pela valorização do cotidiano e dos costumes locais. Ao enfatizar a existência de cultura dentro da favela e incentivar sua produção, as ações buscam superar idéias pré-concebidas.

Seus responsáveis resistem também em um plano social, pois buscando superar a invisibilidade de seus corpos e suas práticas, incentivam seus praticantes a saírem do anonimato e da indiferença. Ao lutar contra o estereótipo dominante, os sujeitos das ações culturais se afirmam enquanto cidadãos e, ao lutar pela valorização da produção comunitária, as ações culturais se afirmam enquanto grupos.

A resistência étnica pode ser percebida através de dois aspectos: o primeiro seria o grande número de ações culturais que giram em torno da afirmação de expressões afro-brasileiras<sup>2</sup>; e o segundo seria a predominância de pessoas negras nas ações, independente da linguagem utilizada. Ao disseminarem práticas afro-brasileiras conectadas às minorias, as ações também resistem culturalmente, buscando o respeito à diversidade e ao pluralismo cultural.

As ações culturais combinam, portanto, a multiplicidade, a experimentação, a auto-afirmação e a resistência, formando um conjunto complexo que busca evidenciar a presença de corpos invisíveis ao mundo. Tal conjunto é capaz de promover diversos efeitos: economicamente, desenvolvendo atividades geradoras de renda e valorizando a produção local; socialmente, contribuindo para o crescimento da auto-estima individual, para o fortalecimento da identidade e para a reestruturação do tecido social; localmente, legitimando a ocupação espacial, definindo territórios e/ou redes culturais, transformando o espaço da comunidade e a maneira de olhá-lo e pensá-lo, e, em termos sócio-culturais, registram ou recuperam memórias e práticas culturais locais. Este complexo de efeitos contribui ainda para a criação de novas subjetividades.

## **Complexo da Maré**

Situada na zona norte da cidade, a Maré conta com mais de 130 mil habitantes distribuídos por 16 favelas e conjuntos habitacionais que totalizam uma área aproximada de 800 km<sup>2</sup>. Lá, assim como

nas demais regiões favelizadas do Rio, há carências, inclusive de centros de cultura e opções de lazer. A solução encontrada pelos grupos culturais locais foi a improvisação de espaços próprios nas áreas desocupadas da favela, onde pudessem realizar ensaios, oficinas, reuniões administrativas. Os vazios apropriados pelos grupos são resultantes dos processos de desindustrialização e modernização associados à globalização da economia, presenciados em diversas partes da cidade nas últimas décadas. Os vazios industriais da Maré e do resto da periferia carioca, ao contrário daqueles situados na área central da cidade e seu entorno, não constituem foco de políticas de revitalização, permanecendo cenários degradados na paisagem local.

A presença da indústria teve um papel fundamental no processo de ocupação da Maré. Nos anos 50, novas fábricas se alocavam ao longo da Avenida Brasil – um dos principais eixos viários da cidade, atraindo um grande contingente de imigrantes ao local. A necessidade de fixar moradia nas proximidades do trabalho desencadeou a ocupação de terras firmes e da extensa área alagadiça da região. A Maré foi rapidamente tomada por palafitas – um tipo de construção típica apoiada em estacas verticais de madeira fincadas no solo sob o mangue. Este tipo de moradia se tornaria o símbolo da miséria nacional até sua erradicação nos anos 80.

Nos últimos vinte anos, muitas fábricas instaladas nas franjas situadas entre os núcleos habitacionais e a Avenida Brasil, foram fechadas ou abandonaram a região, dando lugar a grande quantidade de vazios industriais que se tornaram alvo de dois tipos de ocupação. O primeiro remete à invasão de pátios e galpões por pessoas desabrigadas que subdividem os espaços construindo pequenas casas, levando à conformação da “favela pós-industrial”, escondida atrás dos altos muros das estruturas fabris. O segundo tipo de ocupação remete à instalação dos grupos culturais locais na tentativa de superar a carência de espaços para práticas culturais.

### ***Grupo de Capoeira Angola Ypiranga de Pastinha***

Ambos tipos de ocupação estão presentes no caso do Centro de Artes e Cultura Popular da Maré. No terreno da comunidade do Morro do Timbau, onde antes se situava uma fábrica de material de construção, há atualmente uma disputa territorial que envolve grande variedade de atores.

Após a transferência da fábrica para São Paulo, seus proprietários legais encontraram grande dificuldade em vender o imóvel em decorrência de sua localização em uma área conhecida pela violência e pelas constantes guerras entre facções rivais do tráfico de drogas – uma imagem amplamente divulgada pela mídia. Assim, o terreno permaneceu abandonado durante cerca de 15 anos, tendo seus impostos sonegados pelos proprietários, que acumulavam uma alta dívida junto ao governo municipal. Como solução, eles propuseram sua doação a uma instituição capaz de arcar com o valor da dívida, o que não ocorreu. O abandono do imóvel – composto por um edifício administrativo de cinco andares, dois vastos galpões e pátios – era conhecido pelos moradores vizinhos, muitos dos quais compreendiam os espaços como disponíveis e passíveis de ocupação.

---

<sup>2</sup> Práticas, como capoeira e jongo e nomes, como Olodum e Ilê Aiyê.

Assim, nos últimos anos, o local se tornou o alvo de invasões de desabrigados e de jovens ligados ao tráfico de drogas, fato que culminou em massiva depredação do terreno.

Cientes destes processos, a Associação de Moradores do Timbau procurou evitar a ocupação depredatória, contatando os proprietários e o poder público propondo a limpeza de um dos pátios, e sua conversão em quadra de esportes com o auxílio daqueles que o vinham depredando. Com isso, estas pessoas passaram a trabalhar em parceria com a Associação, dando início a um período de articulação e negociação entre um leque de diferentes atores, que compreendia moradores locais, não-moradores, movimentos associativos, grupos culturais e ONGs, proprietários legais, membros de órgãos públicos e traficantes locais. A limpeza do pátio foi realizada em seis meses e a venda do entulho foi revertida em benefício dos participantes, que passaram a se sentir legitimados a utilizar os espaços.

Enquanto isso, o fracasso das negociações de um acordo entre os donos do terreno e o governo municipal acarretou na transferência de propriedade para a Prefeitura do Rio. Apesar dos esforços das lideranças comunitárias e culturais envolvidas, a lentidão do governo e a dificuldade de promover a contínua manutenção dos espaços nos dez meses decorrentes levaram a uma nova depredação do imóvel, desta vez acompanhada pela ocupação habitacional dos pátios e de um galpão, iniciada por moradores expulsos de outras comunidades, desencadeando um processo de favelização intramuros.

Diante da iminente ocupação, em 2006, um grupo cultural ocupou o andar térreo do edifício administrativo no intento de assegurar aquele espaço, impedindo posteriores invasões. Tratava-se do Grupo de Capoeira Angola Ypiranga de Pastinha.

O GCAYP, criado em 1998 por Emanuel Lopes Lima, o Mestre Manoel, tem como proposta aliar a prática física ao aprendizado da história da capoeira, com ênfase na valorização de suas raízes negras, buscando formar novos agentes multiplicadores, capazes de conscientizar através da arte.



Alunos do GCAYP nas ruas da Maré.  
Foto: Ulrike Panczack, 2001.

A Capoeira Angola, adotada pelo grupo da Maré, segue a linha da escola de Mestre Pastinha, que destaca a importância da conexão com a dança, e privilegia os movimentos de defesa e ginga (meneio de corpo), que exigem grande flexibilidade, rapidez e esforço muscular.

A capoeira exige que seu praticante tome atitudes e iniciativas baseadas em raciocínio, intuição e improviso, em resposta aos movimentos vacilantes e enganadores do adversário. Aqueles que a dominam bem possuem a “mandinga”, muito relacionada ao conhecido “jogo de cintura” brasileiro. Este elemento denota outra característica importante da capoeira: a necessidade de tomar um posicionamento, presente nas situações de luta, que pode ser visto como uma preparação para a vida e para o enfrentamento de problemas do cotidiano.

A capoeira ensinada pelo GCAYP procura propiciar a cada praticante sua própria expressão corporal individual, promovendo o seu desenvolvimento pessoal. Sua proposta tem um forte caráter pedagógico e político-social, incorporando o ensino da história afro-brasileira e despertando discussões e reflexões entre os alunos. As aulas são elaboradas de modo a propiciar a articulação entre os praticantes (em sua maioria crianças e adolescentes), induzindo-os à conscientização, à socialização e à sensibilização para a descoberta de uma identidade própria. Possibilita-se, assim, que jovens convivam num mesmo espaço, criando novas sociabilidades através da capoeira, como corpos que dialogam no intuito de abraçar suas semelhanças e respeitar suas diferenças.

O grupo também procura trabalhar a relação dos alunos com a cidade, incentivando a prática da capoeira nos espaços públicos (ruas e praças), dentro e fora da Maré, permitindo, assim, que conheçam outras realidades. Com isso, a auto-estima dos jovens é estimulada, despertando uma auto-consciência (corporal e identitária). Os espaços da cidade tornam-se os lugares onde podem se exibir e perceber o valor positivo daquilo que fazem.

Enquanto a maior parte das apresentações acontece ao ar livre, o ensino teórico e os ensaios são realizados na velha fábrica do Morro do Timbau. O sucesso de suas atividades fez com que outros grupos culturais percebessem o potencial do lugar. Também prejudicados pela ausência de locais próprios para sua atuação, estas ações culturais, de menor porte, buscaram uma aliança com o grupo de capoeira, distribuindo-se nos cinco andares do prédio.

Assim, surgiu o Centro de Artes e Cultura Popular da Maré, um núcleo alternativo de cultura. Em seu andar térreo, destaca-se o GCAYP, que oferece também aulas de dança afro, jongo, apoio escolar e oficinas de samba de roda e artesanato. As duas últimas são frutos da colaboração com o Instituto Staumbor – um projeto voltado para a música, alocado no quarto andar do edifício, e que também é responsável por uma orquestra de berimbaus. No segundo andar, existe uma academia de jiu-jitsu e um estúdio de gravação musical da ONG AULA, que atende a cerca de quinze bandas locais. O último pavimento é reservado para atividades comunitárias coletivas.

### ***CEASM – Museu da Maré***

Ainda no Morro do Timbau, encontra-se outro núcleo alternativo de cultura, o Museu da Maré – uma iniciativa do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM).

O CEASM é uma associação civil sem fins lucrativos, criada em 1997, por um grupo de moradores e ex-moradores locais que conseguiram concluir cursos de nível superior. Preocupado com o

campo educacional e cultural, o grupo passou a desenvolver projetos apoiando a multiplicidade criativa de sua população, valorizando o olhar interno da comunidade.

Inaugurado em 2006, o Museu faz parte de um equipamento cultural maior: a Casa de Cultura da Maré, também situada em um vazio industrial local. Até os anos 90, havia no terreno, de cerca de 800 m<sup>2</sup>, pátios e galpões para reparos de barcos. Devido ao seu amplo espaço, o CEASM decidiu alocar ali suas oficinas culturais e os projetos ligados à preservação da memória local, dentre eles, o próprio Museu da Maré, considerado pelo MinC como o primeiro museu em favela do Brasil.

Seu acervo é majoritariamente composto por doações dos moradores, organizadas de modo a contar ao visitante a história da comunidade do seu próprio ponto de vista. A exposição permanente é dividida em doze “tempos”, cada qual focalizando um aspecto de importância da vida na Maré: tempo da imigração, da água, da casa, do trabalho, do cotidiano, da resistência, da festa, da feira, da fé, da criança, do medo e do futuro<sup>3</sup>.

Dentre eles, o que se mais destaca é o tempo da casa, representado por uma alta palafita, reproduzindo o tipo de habitação que caracterizou a região durante décadas. A casa de palafita é uma estrutura livre, sustentada por estacas de madeira e dotada de uma pequena varanda. Internamente, a casa de apenas um cômodo é preenchida por móveis e objetos variados doados pela comunidade.

A palafita é colocada como elemento central do museu, responsável por cerzir os demais tempos da vida. Através dela, se reconhece o padrão habitacional como um dos pontos mais importantes para a história local, destacando-o como um aspecto fundamental da construção daquele povo e do espírito do lugar.



Casa de palafitas no Museu da Maré.  
Foto: Lilian Vaz, 2007.

A palafita, que reúne as lembranças e fragmentos das vidas de seus moradores, suas vivências e experiências (Vieira, 2007), atua como um abrigo para os corpos e um suporte para as memórias dos antigos moradores. Corpos também estão presentes no espaço museal: materialmente, na forma de grandes reproduções fotográficas de figuras humanas, e virtualmente, no ambiente, principalmente no interior da casa. Por outro lado, a réplica evoca lembranças e reforça memórias, que se apóiam sobre o suporte material reconstruído.

<sup>3</sup> Ver: Seldin (2008).

O destaque dado à casa funciona como uma forma de auto-afirmação: apesar de erradicada da favela, a palafita não se apaga da memória de sua população. Ela foi ressignificada: o desprezado símbolo da miséria torna-se o marco dos tempos heróicos da resistência.

Este caráter de resistência é enfatizado através de elementos que remetem ao trabalho e esforço de construir a moradia própria em uma região onde as condições naturais eram tão desfavoráveis. A simples existência do Museu denota a resistência contra processos culturais hegemônicos, ao afirmar a favela como lugar de cultura e de memória, reconhecendo as diferenças entre as muitas comunidades que compõem a Maré, colocando-a como um espaço heterogêneo e diversificado. Neste sentido, o Museu se destaca ao “[afirmar] como seu núcleo de interesse principal não a ação preservacionista, mas a vida social dos moradores” (Chagas; Abreu, 2007). Sua intenção é cultural, social e política, pois pretende colocar o morador em contato com suas origens, conscientizando-o sobre sua própria história e indicando que a memória da Maré encontra-se dentro daqueles que a habitam.

Os casos aqui abordados refletem fenômenos atuais, que agregam bens imateriais, vazios urbanos e ações culturais; formando, assim, um conjunto original e heterogêneo que integra o diálogo de novos atores à concepção democrática de cultura.

Seja na materialidade da palafita do Museu da Maré ou na imaterialidade da capoeira praticada nos espaços públicos e no Centro de Artes e Cultura Popular, a cidade material e os corpos que a habitam se fazem presentes, provando que a iniciativa popular pode conduzir ao direito à cidade e à cidadania.

## **Bibliografia**

Chagas, M. S.; Abreu, R. (2007) **‘Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social’**. Musas, Rio de Janeiro, nº 3, ano III, pp. 130-152.

Coelho, T. (2001) **‘O Que é Ação Cultural’**. São Paulo: Ed. Brasiliense.

Hollanda, H. B. (2005) **Fronteiras Móveis da Cultura**. Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus, Rio de Janeiro, FAU/UFRJ.

Seldin, C. (2008) **‘As Ações Culturais e o Espaço Urbano: o caso do Complexo da Maré no Rio de Janeiro’**. Dissertação de Mestrado em Urbanismo – PROURB/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro.

Vaz, L. F. (2007) **‘Ações culturais em favelas cariocas - notas preliminares’**. In: Cadernos PPG-AU/ FAUFBA – Resistências em Espaços Opacos. Salvador, 2007, pp. 27-39.

Vaz, L. F. e Seldin, C. (2007) **‘Nova forma de relação entre espaço e cultura no Rio de Janeiro contemporâneo: o caso do Quilombo das Artes’**. Anais SILACC 2007, EESC.USP, São Carlos.

Vieira, A. C. P. (2007) **‘Maré: casa e museu, lugar de memória’**. Musas, Rio de Janeiro, nº 3, ano III, pp. 153-160.